EMBAIXAD´ÁFRICA: AS DESCONSTRUÇÕES A PARTIR DO SUJEITO "SUBALTERNO" NO MUNDO DA DANÇA.

Bartolomeu Jose Epalanga Agostinho [1], Celestino Canganda Chipuca [2], Emanuel Cipriano Neto Martins [3], Romualdo da Costa Agostinho [4], Yourssany Raposo Lopes Correia [5], Basilele Malomalo [6]

RESUMO

O presente trabalho foi elaboado com o intuito de fazer referência a algumas atividades desenvolvidas pelo grupo de dança Embaixad´África, através do projeto de extensão EMBAIXAD´ÁFRICA – BATUQUE: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas, vinculado ao PIBEAC, UNILAB Campus dos Malês - São Francisco do Conde – BA, coordenado pelo Professor Bas'Ilele Malomalo do Instituto de Humanidades e Letras. Busca-se apresentar como o grupo foi encarado nos diferentes espaços, ele foi pensado de modo a ilustrar os elementos de desconstrução e de reflexão sobre o modo subalterno a que fomos recebidos e até mesmo como ainda somos vistos por muitos no meio em que nos encontramos inseridos e nos espaços em que o grupo participou respondendo aos convites feitos. Faz referência a algumas experiências vivenciadas pelo grupo, onde seus membros numa primeira visão foram vistos como sujeitos subalternos, vistos com olhos estereotipados, carregados de preconceitos, mas que, depois do contato daquele grupo, daquela comunidade, escola, instituição, etc. com os membros do grupo, depois do diálogo e depois da apresentação do grupo (dança), surge a desconstrução. O outro percebe como a nossa diferença está simplesmente no lugar em que nascemos, eles conseguem observar as igualdades em muitos elementos culturais (como a língua, formas de ver e compreender a realidade, alimentação, etc.).

Palavras-chave:

Embaixad´África. Subalternos. Dança. Cultura. Desconstrução.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Licencianda em Ciências Sociais, Discente, e-mail: felicidadeexample@hotmail.com
[2] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Bacharelado em Relações Internacionais, Discente, e-mail: canganda05@gmail.com
[3] UNILAB, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza - Licenciando em Química, Discente, e-mail: emanuelcipriano78@hotmail.com
[4] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Bacharelado em Humanidades, Discente, e-mail: romualdoagostinho@outlook.com
[5] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Licencianda em Pedagogia, Discente, e-mail: normassany13@gmail.com
[6] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, e-mail: basilele@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Vários anos passaram e, à medida em que os estudos culturais avançam, se fazem cada vez mais precisas [...] as interpretações de temas como: identidade, relações raciais, sexualidade, pertença étnica, hibridismo cultural, etc. (CARVALHO, 2001, p. 108).

Segundo Silvano Fidelis de Lira e Auricélia Lopes Pereira, no texto "Caminhos de construção e desconstrução: O sujeito e as problemáticas da educação contemporânea (Relatos de uma experiência)":

A escola é o ambiente onde há a maior diversidade de encontros e desencontros, espaço físico e cultural onde os sujeitos dialogam, aprendem e produzem conhecimento. Na escola não há lugar para o unitarismo, a pluralidade é a parte fundamental da educação contemporânea, muitas vezes gerando conflitos, embates entre os diferentes. (p. 10)

Estes conflitos, embates entre os diferentes são muitas das vezes gerados por construções sociais de pensamentos do sujeito como algo pronto, acabado, como aquele que foi produzido e não produz nada, nem cultura e nem conhecimento, como por exemplo, como consequência da escravatura do colonialismo, somos considerados produto acabado, sem identidade própria, sem cultura própria, subalternos e muitas vezes, ainda associados a uma vida selvagem, sem sequer se interessar com o fato de que:

[...] o sujeito é um produto daquilo que lhe afeta, daquilo que ele recebe e que produz algum efeito, não podemos pensar que o jovem de hoje é um dado pronto, que nasceu assim e está "condenado" a permanecer o mesmo. Ele é contexto. Ele é produto de discursos e práticas. (LIRA de e PEREIRA, p. 10).

Foi a partir dessa construção do sujeito, que nasceu a necessidade de criação de formas de desconstrução do sujeito subalterno, nascendo assim o Embaixad´África, primeiramente como um grupo de danças apenas, e mais tarde buscando refletir e pôr em prática ações que viessem a contribuir diretamente para a academia norteado por uma atividade de extensão, chegando ao hoje conhecido como EMBAIXAD´ÁFRICA – BATUQUE: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas, um projeto de extensão que pretende promover a integração e a cooperação entre os povos pertencentes à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) através da estética da dança. Articula-se em torno do curso de Batuque: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas e intervenções públicas visando formar cidadãos e cidadãs interculturais, antirracistas, antissexistas e antihomofóbicos/as.

O Embaixad´África é um grupo de dança criado no dia 02 dezembro de 2016 em São Francisco do Conde – Bahia. Como já referenciado acima, ele teve inicialmente um principal objetivo que era a dança, mas que também já era acompanhando com a perspectiva de ser um elemento de divulgação das culturas africanas através da dança. Nossa visão era expandir as culturas dos países que compõem a UNILAB, campus dos Malês, pela dança. O grupo dança, dialoga e estrutura filosofias dos diferentes estilos de dança dos pais que que fazem parte do de levar a cabo o conhecimento sobre as culturas desses países de e não só. Uma vez que é notória o desconhecimento sobre a África da população local. Nossa meta era: contribuir para o desenvolvimento social e das relações culturais África-Brasil e conhecimento acadêmico através de pesquisas no campo da dança.

O termo subalterno tem vários conceitos e, segundo Lino (2015, p. 76), "Foi a partir das proposições de

Gramsci (2002) no texto “Nos confins da história” que teóricos como Eduard Said, Sturart Hall, Ranajit Guha e Gayatri Spivak, entre outros, começam, nos anos de 1970, a “trabalhar sobre o conceito e a história dos subalternos”” (apud NEVES, 2010, p. 62).

Entre os vários conceitos do termo, vimos no conceito de Gayatri Spivak (2004):

[...] o uso do termo subalterno não é apenas um sinônimo para oprimidos ou para os “outros”. Os subalternos são sujeitos e grupos sem autonomia, submetido a outro grupo social, não possuindo posição própria legítima e se afastando de uma posição hegemônica, “os que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente” (LINO, 2015, p. 76-77, apud FIGUEIREDO, 2010, p. 85).

Se pensarmos a questão de “os que não conseguem lugar em um contexto globalizante” de forma crítica, somos conduzidos a concluir que, é aqui, o sujeito subalterno visto como um produto acabado, produto das influências do colonialismo e subordinado a cultura do outro. Questões norteadoras da criação tanto do grupo, como do grupo como atividade de extensão, como forma de desconstrução desse sujeito subalterno, através da exigência de vitória permanente, que requer outros modos de ser e de pensar o mundo.

Foi assim que vimos na arte, concretamente na dança, a tarefa de desconstrução de tais paisagens mentais, capazes de implicar na redução das diferenças com relação ao ultramar. Foi pensado que com a dança seria possível criar uma nova expansão, mas dessa vez do sujeito tido como “subalterno”, de modos a sermos nós agora a levarmos nossas culturas, nossos conhecimentos, nossas filosofias de vida, nosso compreender da realidade com a dança, e foi isso que foi feito.

O trabalho objetiva divulgar a cultura de países africanos através de danças na UNILAB e no Brasil como forma de desconstrução a partir do sujeito subalterno. Utilizar da dança como meio de disseminação de uma educação antirracista, antissexista, antihomofóbica para criar espaços de diálogos, aprendizagem e lazer entre estudantes da UNILAB e de outras instituições de ensino.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizados relatórios do projeto de extensão EMBAIXAD´ÁFRICA – BATUQUE: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas, e um estudo ou pesquisa bibliográfica, a partir da produção literária de referidos autores como dissertações e artigos científicos. Que de acordo com Lakatos (1994, p.44), “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (COSTA; TURCI, 2011, p. 3766). Nossa experiência como grupo e sujeitos “subalternos”, aqueles que sofreram a ação, também foi um elemento metodológico na construção do presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui falaremos um pouco daquela que foi uma das nossas maiores experiências como grupo. Nos dias 10 e 11 de dezembro de 2017, na cidade de Baixa Grande-Bahia, ocorreu o “I Seminário para Gestores Sobre Diversidade Étnico-Racial e as Diretrizes Curriculares Nacionais”, onde o grupo foi convidado a fazer uma apresentação cultural, mas não somente o que aconteceu, pois, após chegarmos lá, os primeiros olhares que

foram lançados sobre a nós nos deixaram muito incomodados, pois o fator africano influencia muito. Olhares carregados de preconceitos que nos levaram a pensar que aquele espaço era o espaço apropriado para desconstrução, pois, é desses olhares que o grupo procura. Após a apresentação do grupo, montou-se uma mesa para o grupo, inicialmente era simplesmente para nos apresentarmos e falar de como estava sendo a experiência de vida no Brasil, mas não foi só com isso que o grupo ficou, revertemos o quadro de nós para eles, fazendo-os refletir sobre suas concepções sobre o continente africanos e ideologias, seus olhares de preconceitos nos incomodaram e os fizemos pensar sobre como eles sentem quando sofrem preconceito aqui na sociedade brasileira, isso tendo em vista que a maioria eram negros e negras naquele espaço. Fizemos eles pensarem neles a partir do nós, e as intervenções e comentários no final, foram maravilhosos, pois, eles concluíram que realmente não éramos tão diferentes assim, que nossas realidades culturais e até mesmo sociais convergiam em diferentes sentidos. Saímos de Baixa Grande muito satisfeitos, pois conseguimos levar nosso projeto e colocá-lo em ação.

CONCLUSÕES

Com base nos conceitos apresentados e estudos feitos pelos teóricos sobre o sujeito, subalternidade, bem como a apresentação do nosso projeto, podemos concluir que os temas trabalhados proporcionaram discussões sobre a composição do sujeito e, apesar de não contemplada, a sua relação com a sociedade moderna, Portanto, o nosso projeto visa proporcionar uma reflexão em torno dos caminhos oferecidos pela vida, podendo os mesmos vir a ser caminhos que levem a construção e a desconstrução do sujeito subalterno. Buscando permitir que este sujeito vem a ser compreendido como um produto do que ouve, do que lê, do que assiste fruto dos encontros em sua vida. Tendo vista isso, colocamos que conseguimos responder as nossas perguntas e satisfazer nos

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer a comunidade UNILAB de São Francisco do Conde, pela força motora de motivação que tem depositado sobre nós desde o início, agradecer ao professor Basilele Malomalo coordenador do projeto, queremos agradecer também ao Reinaldo por ter sido uma pessoas sempre atenta e preocupada com o grupo, que sempre sugeriu elementos que engrandeceram continuarão engrandecendo o grupo sempre. E a todos e todas que de maneira direta ou indiretamente têm muito contribuindo com o crescimento e desenvolvimento do grupo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. Horiz antropol. Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-147, julho de 2001.

Embaixad´África-RELATÓRIO-PROJETO-PROGRAMA-PARCIAL[1633]. Projeto de extensão EMBAIXAD´ÁFRICA – BATUQUE: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas. 2018

LINO, Tayane Rogeria. O lócus enunciativo do sujeito subalterno: fala e emudecimento. Anu. Lit., Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 74-95, 2015.

LIRA, Silvano Fidelis de; PEREIRA, Auricélia Lopes. Caminhos de construção e desconstrução: O sujeito e as problemáticas da educação contemporânea (Relatos de uma experiência).